



FRAGMENTOS

CRIMINALIDADE INFANTIL

Astolpho Rezende, criminologista notavel e notavel sociologo carioca, publicou, ha pouco, um bello semi-livro —*Os menores abandonados e delinquentes*—pequeno no tamanho, mas grande pelo talento, pela cultura e pela probidade.

Seria autor muito considerado, como o Dr. Emile Laurent (*La Criminalité Infantile*), Duprat (*La Criminalité dans l'Adolescence*), Joly (*L'Enfance Coupable*), Ferriani (*Minorenni Delinquenti*), se escrevesse em lingua do mundo culto mas...

A sua substanciosa leitura despertou-me a lembrança de traçar as linhas seguintes:

1)

A rua está atulhada de meninos vadios, vagabundos, turbulentos, rapinantes e inculcados, que vão rumo da perdição—uns levados por mero espirito de imitação, outros por trazerem no sangue a regressão atavica, nascidos com a tara ancestral.

O crime é problema dos mais cuidados na actualidade e o dos menores é preponderante nas cogitações dos estadistas e representantes dos destinos dos povos.

Tem sido muito comprida a trajectoria da ideia de justiça—desde a compensação e do talião até a transposição dos muros vintistas.

A imitação é, segundo G. Tarde (*Les Lois de l'Imitation*, 1890) «o facto elementar e característico».

Sim, diz-se acertadamente que ella «assignala a sociedade, é qualidade de todos os homens» e o eminente psychologista condensa em seu livro toda a experiencia até então relativa ao facto—«da copia da acção a distancia d'um espirito sobre outro».

O menino então é um verdadeiro espelho—reproduz o que vê tal qual, como bem significa o velho brocardo—«chega-te aos bons e serás um delles, aos mãos, peor que elles».

A hereditariedade pathologica não é facto novo, já vem escogitado de muito longe, perde-se no escuro das edades. Na India antiquissima em um versiculo dos hymnos do *Mahabharata*, leio—«a minha má acção não foi minha, fôram a precipitação, a embriaguez, o jogo, o esquecimento, a seducção exercida sobre o mancebo pelo homem mais edoso, o somno, que me induziram a proceder mal».

O imaginoso artista poeta Miguel Angelo, n'um fresco decorativo da Capella Sixtina, do Vaticano—*Doze Sibyllas e Prophetas*—já se occupava do importante ponto; n'elle Ezechiel, um dos quatro prophetas biblicos, protestava em renhidissima disputa contra o proverbio hebraico—os dentes do filho se embotam logo que os paes tenham comido uva verde».

Era uma allusão ao peccado original.

Vê-se que ao tempo do propheta as anomalias somaticas e funcçionaes produziam grave questão entre pensadores.

De facto a hereditariedade morbida—factor interno

—amolda o character e o menino traz já os estygmás, os vícios dos paes, já vem eivado dos instinctos ruins.

E como reprimir estes começos? Ou melhor—como prevenil-os?

O Estado tem necessidade de vigiar os meninos para que não se desregrem e sigam a linha do dever, carece abrir escolas, dá rigorosa educação, onde elles encontrem meios de modificar seus máos hábitos.

A educação—um dos mais poderosos factores externos—quando não tenha a força que lhe dá o philosopho francez Helvetius—dizendo que ella pode tudo, pois faz dansar o urso—quando isto seja um exagero, em todo o caso é ella tão forte que se diz ser—uma segunda natureza.

«A felicidade dos povos e a tranquillidade do Estado dependem da bôa educação da mocidade» — risca penna amestrada.

Montesquieu diz que ha trez escolas—«a dos paes, a dos mestres e a do mundo». Ainda hoje este postulado do preclaro publicista assume as proporções duma proposição axiomática.

De certo a escola dos paes é muita vez uma negligencia, um abandono do character dos filhos e o desvio do bom caminho.

Por isso diz Lacassagne, illustre professor de Lyon, que «as sociedades têm os criminosos que merecem».

E pensa com justeza o espirito luminoso, o atilado e estudioso Astolpho Rezende—«educar para não punir».

2)

PUNIR—synonimiza infligir penas, castigos, ameaça das grades de cadeia e chama a attenção para o apice do conjuncto de conhecimentos na serie hierarchica das

sciencias de generalidades decrescentes e crescente complexidade—da sociologia, cujo elemento primordial é a evolução—o facto fundamental da historia.

Está em começos. Assemelha se ainda á celebre Floresta Negra, da Bohemia. E' massiço prodigioso, quasi sem claros por onde penetre uma restea de sol, de picos elevados, de subterraneos sem fundo—um emmaraanhado quasi impenetravel.

O caçador, embrenhado nessas paragens quasi virgens, tem de andar ás apalpadelas para não ir de queda em queda.

Mas o espirito humano, curioso e indagador, tem já feito bellos achados.

O livre-arbitrio, a liberdade volitiva já fez seu tempo,—deu o que tinha de dar, passou, cedeu logar ao determinismo que vae dia a dia ampliando seus dominios. Parece uma mudança brusca; vae, embora muito vagarosamente, remodelar todos os codigos.

Para esse processo demanda muito tempo, talvez ainda seculos, mas é ideia vencedora, em relevo forte, altivo e triumphante—ha de avassalar a opinião, substituindo a responsabilidade moral, porque o facto psychico é tão determinavel como o phenomeno physico, apenas obedece a uma multidão de factores, conhecidos uns, outros desconhecidos, difficultando assim a previsão.

A' vista disto preceitúa o grande Kant—«se fosse possível penetrar profundamente na maneira de pensar de cada homem e se as menores forças e todas as circumstancias, que influem sobre elle fossem conhecidas, poder-se-hia calcular exactamente a maneira de proceder desse homem como se calcula um eclypse do sol ou da lua».

O homem é simples producto dos meios cosmicos, individual e social. Nem mais, nem menos, queira ou não queira—é sempre uma resultante do meio que determina-

lhe seu character, seu temperamento, suas acções, todo seu modo de ser.

À mesologia—essa nova *tunica* de Nessus da mythologia, adstringe o homem apertando-o, envolvendo-o por todos os lados—isto é—os ambientes tiram-lhe toda a liberdade de querer.

E sendo assim é o homem um perfeito irresponsavel, se quizerem, um automato!

Mas a sociedade não pode ficar á mercê dos criminosos, dos desregramentos de espiritos viciados por defeitos congenitos ou adquiridos—tem o direito de conservar-se, de defender-se, de precaver-se.

Como?

A' acção anti-social do delinquente contrapõe a collectividade sem penas, sem castigos, sem carcere uma reacção adequada, equitativa, justa.

A' actividade da acção criminosa—que não é filha da liberdade volitiva,—mas d'um determinismo, que se assenhoreia de tudo—oppõe se a reactividade, no expressivo verbo do positivista russo, Roberty.

A cadeia será substituida por estabelecimentos, onde em lugar de penas, castigos, encontre o delinquente uma hygiene e therapeutica apropriadas, preventivas e reprimidoras da acção praticada.

Será a pratica do futuro. Assim opinam os grandes pensadores, como irrefragavelmente demonstra o sabio determinista Hamon, no seu compacto e substancial pequeno livro *Determinismo e Responsabilidade*.

Casamento Dobrado

2

Casamento civil.—Const.,

art. 72, § IV.

Ceremonias religiosas.—Dec.

521, de 26—6—90, art. I.

Os phenomenos sociaes offerecem a cada passo difficuldades de summa graveza, a emmaranhar a melhor solução. A sua complexidade não é apanhada ao primeiro relance, escapa aos observadores menos attentos, aos sociologistas imprecavidos, que não enchem o aspecto que um problema qualquer possa tomar ante uma reforma menos bem avisada.

E' o que se está dando no paiz na vigencia do texto constitucional, que vae produzindo por vias sinuosas e imprevistas o esphacelo no seio de muitas das novas familias constituídas.

De vez em quando a imprensa, sentinella avançada da evolução, atalaia dos capitolios vintistas contra as investidas dos gaulezes do retardamento—dá o grito de alarma.

A instituição do casamento civil, com que a patria sagra a familia, deriva naturalmente da separação dos dois poderes espirital e temporal feita em tempo—e sem o mais leve abalo, sem a menor agitação, fez seu caminho—adaptando-se no nosso meio como reforma amadu-

rada na consciencia do povo, após comprida e tenaz propaganda.

Incompleto na lei de 24 de janeiro de 1890, integrou-o a de 26 de junho seguinte—ordenando-o anterior a cerimonia religiosa de qualquer culto. Era o meio de effectividade para todos os effeitos.

Esta anterioridade em seguida encravada no Cod. Pen. art. 284—procede do art. 199 do Cod. Pen. Francez, que é lei de policia—punindo ao ministro de qualquer culto, que realize a cerimonia religiosa antes do casamento civil.

Era bello marco fincado na caminhada.

A constituição da republica sob a preocupação de sentimentos menos opportunos, regeitou a redacção do projecto do governo provisorio, que adequadamente constitucionalisava a conquista feita. Reconheceu o casamento civil, mas não tratando de religioso, fez cessar a precedencia d'aquelle, como por circular de 18 de abril de 1891 declarou o Barão de Lucena, então ministro interino da justiça.

Attenta a inferioridade mental da massa popular, attenta a pouca altura da superficie da evolução brasileira, a lei suprema produziu indirectamente uma situação conjugal menos legitima, puramente anomala, lares sem o amparo da lei, lares bastardos, dois lares...

São apontados factos assustadores, casamentos duplos, casamentos feitos fora da lei e ligeiramente desfeitos com grave damno da moral e do direito.

O homem do povo sem a larga e nitida comprehensão do alcance da lei e preso nas teias do fanatismo religioso casa simplesmente perante a Egreja, não reparando que o Estado não lhe faculta mais por este vinculo unico a constituição de familia legitima, não lhe permite a communhão de bens, não lhe favorece a prole com o

benefício das leis de successão, de legitimidade no registro civil, etc., isto é, nega-lhe todos os effeitos do casamento, concede-lhe a posição do estado civico, mas recusa-lhe a do estado civil.

D. José, ex-bispo do Rio de Janeiro, que—como medida conciliadora—propunha o casamento civil voluntario com o registro civil obrigatorio para todos, porque «os seus effeitos são da *maior valia* para a familia», em circular de 18 de abril de 1893 já fazia allusão a perturbação domestica—que discuto e recommendava aos parochos de sua diocese a maior prudencia na celebração do casamento, que quando anterior, fosse logo seguido do civil.

Posso assegurar—o casamento religioso está sendo uma especie de estagio, de experiencia. Bôa a prova, pode ser ratificada. Má, abandonada e seguida do enlace definitivo perante o poder civil.

O casamento civil obrigatorio na França, Suissa, Hollanda, Allemanha, Italia, etc., no Brasil, excepto para as camadas altas, não tem effectividade—pela mutilação que a matriz das leis ordinarias fez na obra civilisadora da revolução.

E' esta a situação do momento: lares constituídos perante a Igreja ficam illegaes, murados dentro da bastardia ou antes nullos perante o Estado e sem a força legal podem desfazer-se e de facto se desfazem á primeira desavença intestina. Os filhos destes pares não são registrados ou o são como illegitimos, são filhos da floresta, como chamariam-nos as velhas leis do Norte—(Europa).

E' feia, muito feia, grave, melindrosissima a logica da situação, comprometedora dos direitos da familia—e urge pôr-lhe um paradeiro. O facto avulta temerosamente e insta do poder competente por providencia—que não pode, nem deve ser retardada.

O Jubileu Cearense

3

1603—1903

Athenas—o dulcissimo santuario das artes—celebrava outr'ora—com pomposas ceremonias—festas em homenagem a Cecrops—o seu fundador. Como Roma decretava e realisava honras divinas a Romulus, como Abdéra sacrificios a Timesios, Tenedos a Tenes, Delos a Anios.

Era, segundo asseverações de historiador coevo, o «uso ordinario».

E' justo que hoje o Ceará lembre os nomes de Pero Coelho, Martim Soares, Francisco Pinto, Luiz Figueira—a aventureosa pleiade dos descobridores.

Tem alto significado esta apotheose.

A data, que nos assignala um canto no *mappa-mundi*, é dia eloquentissimo—a fulgurar com intensos brilhos, a projectar-se muito vehemente e carinhoso pelos mais intimos recessos da alma cearense.

Muito bello o intuito moral da festa—que é mais um relevo da nossa vitalidade—mostrando—que nos corre nas veias sangue rubro e quente, capaz de quanto de forte e de arrojado!

Secularmente pela vez terceira vem memorar-se o nosso primeiro momento no proscenio do mundo culto.

Bemdicto o dia—que nos destacou talvez da *ultima Thule*—das velhas legendas para nos atirar nos porfiados prelios do progresso.

E nos é muito grata a recordação—porque se a caminhada não tem sido comprida no tempo, tem sido mui-

to comprida nos aturados combates da cultura — porque o Ceará, solicitado de embates contrários — não é uma individualidade nulla, trabalha trabalho rude, jornada sem cançar, fincando na estrada grossos marcos, procurando sempre elevar o nível da vida — «tão completa, na bella metaphora de H. Spencer, quanto possivel em comprimento e largura».

E vem a proposito pedir aos competentes a indagação da formula característica do nosso desenvolvimento no emmaranhado da evolução brasileira — para com segurança — affirmar as opulencias de nossas energias, os lustres de nosso patriotismo, os feitos solemnes de nossa vida historica — tudo a intimar — que — por direito de conquista — compete-nos logar de honra no solo patrio.

E onde esta formula?

Onde ir desvendal-a? Qual ella?

A nossa actividade é facto social de realce no meio brasileiro.

Qual a sua proveniencia? Qual a lei natural a explical-a?

Está ao alcance de visão escassa a efflorescencia do genio cearense — ousado, pertinaz, insubmettido. Mas... onde a raiz desta arvore que se esgalha viçosa para o espaço a procurar ar e luz, como a agulha de marear a apontar o polo, como o heliotropio a acompanhar a rotação apparente do sol?

Não derramará luz sobre a questão a moderna concepção scientifica da historia?

Não responderão com os seus modificadores a mesologia e a demographia?

O nosso aprumo e disciplina na vida origina-se — parece — de nossa insana *endemia*.

O phenomeno natural, que eu chamo — a espinha dorsal das energias cearenses — é o ponto de partida de nossa evolução em suas variadas irradiações.

A conhecida palavra de Herodoto — «o *Egypto é um dom do Nilo*» — nunca foi tão expressiva — como agora olhada atravez dos preceitos da philosophia da historia — que patenteam os estimulos do meio cosmico sobre a actividade social.

Assim o formidavel phenomeno amolda — em suas entranhas — a feição do nosso character — fazendo da terra da secca — a terra da luz, fazendo forte a sua gente — como oriunda d'aquella «gente ousada, mais que quantas no mundo commetteram grandes cousas».

Perguntarei de mais? Não derivará a nossa força da crueza do meio physico? Não será o desabrido mal a fonte de valia tão avantajada?

Não é um facto fortemente provado — que as adversidades apuram predicados que se não revelariam sem os incitivos da sorte adversa? Não é a adversidade a luta? E não é a luta — a fragoa — onde se temperam as forças?

Balzac — o mergulhador de longo folego do coração humano — que esquadrinhou pelos mais escondidos de seus escaninhos — não lhe estudou todas as situações por todas as posições physicas, por todas as collocações sociaes? E não arrematou declarando que «a adversidade era a pedra de toque dos caracteres»?

E a sciencia nos respectivos dominios não tem ratificado esta sentença — dando-a como o resultado das experiencias accumuladas das edades?

A secca é a nossa adversidade. Por tanto a prova provada da virilidade cearense.

Teimo em por o thema? Não será?

E' occasião de dizerem os mestres o sazonado de suas meditações sobre o grave problema — que tão de perto nos interessa e marca o nosso posto na civilisação brasileira.

A patria grega

4

Andromacha, o symbolo do amor conjugal, a desgraçada e nobre esposa de Heitor—á vista do cadaver deste—então no palacio de Priamo (Iliada, cant. 24) tocante endeixa contra a fatalidade que lhe roubara o bem amado a seus affectuosos extremos. E' uma das mais commoventes scenas do poema.

A evolução dezenovista faz de Andromacha. A civilisação, que nos cumula de orgulho—e se affirmava solemnemente grande com o levantamento da Grecia em a primeira trintena do seculo—apressando a victoria da justiça e da liberdade—n'esta hora como em dia nefasto, vela a estatua da divindade poliade, se cobre de pesada tristeza e como a filha de Hecuba—em o palacio de seu Pae—profere energica censura contra os desvios de seus arautos—as grandes potencias europeas—cujas ambições mal dissimuladas deixam abafar a liberdade—que violentamente procura viver no solo sagrado da terra da arte.

Mas a Grecia não morre, porque tem pedaços dentro de todos nós—porque é a tradição e a tradição a dirigir a caminhada do futuro não pode subverter se—sem apagar-se o fanal do mastro grande do navio—que veleja em alto mar.

A lucta que se trava demoniaca, lá, longe, no Levante, é uma face do eterno conflicto de forças—que bramem desde os fundos da prehistoria—a aurora e o crepusculo, Ormuzd e Ahriman, o bem e o mal, a luz e a treva, o progresso e a ignorancia.

Ora vae a nau em aguas quietas, ora por sobre vagas encapelladas a esbarrar nos escolhos. A maruja dynamitisa-os. Elles voam em fragmentos ou submergem-se e o batel continúa sua rota...

O escolho é no nosso instante a questão do Oriente, a questão da famosa Creta.

Em 1827 a civilisação européa fez recuar a escuridão turca—que já se projectava por sobre os cimos das montanhas do paiz das musas e o levantamento triumphou em 1830.

Em 1897?

N'aquelle tempo, a «*Independencia da Grecia*» era o nome de um premio instituido pela pacata Academia Franceza—presa dos assomos de enthusiasmo—que despertava a causa hellenica.

O pugilo de almas varonis da Grecia—tendo historia, religião sua, um direito publico, um direito privado—palpitando de todos os elementos da vida nacional, de todos os alevantados ideaes da patria—reclama o direito de cidade no seio da familia dos povos independentes, lucha por 9 compridos annos e vence e restaura o magestoso edificio da primitiva morada da civilisação.

O livramento da Grecia é um dos mais notaveis successos do seculo. E é dos começos—é de 1830.

E em 1897?

N'aquella epocha o arremesso maravilhoso dos Klephtas do Pindo, de Nikitas, o seu cavalheiresco palichare, apaixonava a Europa inteira. A vehemente emoção se encarna no lapidario do Childe-Harold e Missolonghi hospeda a lord Byron—que morre pela grande causa.

Em 1897?

No segundo decennio do seculo às figuras homericas de Nikitas, o terrivel *turcophago*, de Botzaris, o Leonidas do Souli, faziam proezas do valente Odysseus—as-

sombrando a toda a Europa—que—no transporte das ovações, no delirio das acclamações, os cobria de louros, atirava-lhes as corôas do triumpho.

E em 1897? Um esmorecimento da evolução experimentam falsos representantes do momento.

Levanta se no horisonte uma nuvem preta, como a aza do fatidico Asraèl, o anjo turco dos tumulos.

No céu da evolução dezenovista esvoaça tetrico o synistro djinn —o genio da noite ..

Ha como um retrocesso pavoroso, como uma das figuras das tragedias de Eschylo.

O mundo inteiro abraça a causa santa do direito, a causa da formosa Hellade. E os governos europeus—impassiveis—como mumias assistem ao agoniar lento, crú de um punhado de semi-deuses—que se batem pela patria — sacrificados ás delicias carniceiras dos Osmanlis, de Abdul-Hamid.

As potencias — divorciadas de seus povos—põem se ao lado da força assassina e deixam fazer-se—na força do direito—o morticinio lugubre, como o cavar da enchada do coveiro.

E a Grecia, a soberba metropole—que já teve a supremacia intellectual dos povos—sossobra e vae afundar-se no medonho barathro... a ser uma simples expressão geographica, um não valor...

Olho ao longe para as extremidades do horisonte a descortinar alguma vela de navio amigo e só mar e ceu...

A historia da Grecia é o primeiro capitulo da historia da civilização alicerçada na sciencia.

E as potencias esquecidas, ingratas deixam ir a pi-que o pobre batel...

Desvairadas —chacalisam-se com o olhar na opima presa... de repartição difficil...

Onde uma esperança? Onde uma indicação? Onde?
As bonitas e esculpturaes parcellas Theseu, Achilles, Licurgo, Solon, Pericles, Nestor, Homero, Eschylo, Euripedes, Phidias, Aristoteles, Mantinéa, Maratona, Salamina, Esparta, Athenas, Thermopylas dão esta somma opulentissima de luz e progresso—a civilisação grega no limiar da historia!

Os gregos de hoje são os hellenos de outr'ora. As scenas encantadoras da Iliada e da Odysséa se desvendam e reapparecem fulgentissimas na guerra da independencia do povo unico—pequenino no tamanho da area patricia, grandissimo no tamanho de seus homens, de suas instituições, de sua historia—cujas figuras são seres extraordinarios.

A lucta pela ilha de Candia repete todo o heroismo de 1821 a 1830.

Em 1827, o seu passado foi a garantia de seu triumpho. Em 1897 aquelle mesmo passado vultuoso, aquella mesma tradição gloriosa—que illumina a alma moderna—mantêm-se—dão a mesma somma brilhante, deviam dar a mesma victoria.

E porque não?

Mas... plausivel é a inversão, o retrocesso com a implacabilidade de um facto...

Mas a Grecia fica. O nosso seculo a ama—porque d'ella aprendeu as lettras, as artes, a philosophia, a sciencia, até o primeiro rudimento da virtude politica. O dever civico se fortalece na inscripção das Thermopylas: *«Passageiro, vae dizer a Esparta—que nós aqui morremos para obedecer a suas leis»*. A eloquencia d'esta phrase—incisiva, nitida atravessou os seculose boia á tona de nossa idade, pyrilampeando em os nossos desfallecimentos, accendendo todos os ardores civicos.

Para as potencias a guerra é uma apothéose. Para os povos um epitaphio do estertor do seculo, mas uma inscripção mostrando ao fundo a figura da fatalidade carancuda — como o destino no drama de Sophocles.

A victoria da Turquia não será o prenuncio de sua dissolução? E esta dissolução não será a inscripção funebre do seculo?

Frederico Augusto Wolf, erudito dezenovista, escrevendo sobre instrucção, desenhou o retrato de um bom professor — «amor da verdade, methodo e adequação do ensino á média de seus ouvintes».

Eis uma figura desejadamente fiel.

O profundo pensador, em tres palavras, em synthese brilhante, fez, parece, todo um compendio de pedagogia.

O professor, «o soldado da sciencia e da liberdade», no dizer de um ministro italiano, deve ter toda a segurança, gosar de todas as regalias, para bem fazer sua rude missão, porque a escola é o primeiro tijolo do alicerce da grandeza, da virtude e das forças da sociedade.

Fronteiremos as duas escolas, a antiga e a moderna. Que dessemelhança!

Desenterremos aquella do escuro dos campos do passado e ponhamol-a á luz do sol vintista. E' uma gaiola, cuja passarada, soturna, triste, assustadiça e medrosa, só tinha um desejo — o *habeas corpus* das ferias para voar ao regaço de mamãe e assim ver-se livre de seu gaioleiro — um sujeito alto, barbudo, severo, de rosto sempre fechado. De férula em punho, ameaçando á creançada, ensinava-lhe palavras, palavras e mais palavras, que lhe ficavam muito indistinctamente gravadas no espirito.

Disse com razão M. Bréal «todos aquelles que conhecem nossa instrucção publica confessarão que a chaga de que mais soffremos, não só na escola primaria, mas em todos os graus do ensino — é o verbalismo. Muitas pala-

vas, coisas poucas». (Instrution publique en France, pag. 106).

A escola moderna segue trajetoria muito diversa.

E' felizmente já muito comprida a nossa caminhada.

O problema tem sido muito estudado, muito revolvindo em todas as suas faces.

O nosso avançar tem ido muito longe e hoje a escola é um viveiro garrulo, onde uma rapazeada viva, exuberando vigor, com os ares triumphantes de quem quer ir muito de existencia a dentro, aprende depressa do professor a «lição de coisas» entre as «seis paredes» de sua gaiola

Este debuxa no quadro preto uma figura qualquer, um animal, uma planta, etc., dando-lhe o nome respectivo, e a meninada vê estes riscos, olha com atenção estas linhas e as burila na mente de modo a não se apagarem mais.

E' muito respeitado e muito amado o mestre, de seus discipulos que, aproveitando-lhe o proficuo ensinamento, lembram na mais cordeal das intimidades, a formosa lenda dos Tyndaridas, dos Dioscuros, os irmãos Castor e Pollux, que viviam na mais estreita união.

E assim vão, professor e discipulos, rumo do amanhã, em demanda dos mais amplos horizontes, na mais viva amizade, nos abraços da mais affectuosa fraternidade, como Danmon e Pythias, os celebres philosophos gregos.

A Electricidade revolucionando

6

Sua santidade, o papa novo, o papa vintista, a sciencia, acaba de decretar, na sua excelsa soberania, a cano-nização de uma santa de subidos merecimentos, de pro-digios inauditos, de uma santa de milagres lentos, mas certos, positivos, a Electricidade.

De facto, a electricidade, este agente physico, subtil, mysterioso, vae fazendo pasmosas maravilhas, vae ser a grande dominadora da nossa idade, enchendo o seculo da sua grandeza desmesurada.

Tudo tem sido explorado pela curiosidade humana. O homem devassou todos os arcanos da vida, desvendou todos os segredos da natureza, subiu aos céus, olhou a amplidão dos ares, desceu aos fundos da terra, perscrutou-lhe todos os mysterios.

Ainda ha pouco um sabio inglez predisse, para dias adeante, que todos os navios iam deixar as suas pesadas machinas e ser movidos pelos telegraphos sem fio, recebendo a corrente motriz da queda do Niagara.

Sondou todos os cantos da existencia, bolindo com diversos assumptos.

Assim desceu ás fundas raizes de assumpto de suprema importancia, fazendo profunda modificação.

A materia que tem sido discutida, em todos os seus aspectos, desde a mais remota antiguidade, a electricidade submetteu-a á rigorosa analyse e fez theoria nova.

E', segundo Littré, «tudo que se toca e tem corpo e fórma» (Dictionnaire). Cita J. J. Rousseau, Buffon, Con-

dillac, Aristoteles, lembrando a definição negativa de Voltaire:—«os sabios a quem se pergunta o que é materia respondem que não sabem».

E o metaphysico irlandez, Berkeley, negou redondamente a existencia objectiva dos corpos, sustentando que não tem uma realidade corporea, mas existe unicamente nas nossas proprias sensações.

E baseado em argumentos identicos ou levantando a mesma argumentação, sustentou o sceptico Hume a negação completa do espirito.

Mas é preciso convir com E. Pelletan, no seu celebre pamphleto «*Le monde marche*», sombra de verdadeira bandeira. Está ahi nos arroubos de enthusiasmos do publicista francez a generosa idéa do progresso. A humanidade não pára, vae seu caminho, vencendo todos os obstaculos, saltando todos os abysmos, furando todas as montanhas. E' a caminhada eterna do Cartaphilo da legenda.

Era dogma da escola, idéa vencedora nas mais altas regiões do pensamento a indestructibilidade da materia. H. Spencer, o mestre dos mestres, affirma nos seus «*Primeiros princípios*» (1862) que a indestructibilidade da materia é verdade, cuja indagação é inconcebivel.

Era esta a proposição acceita nas mais elevadas esphas da mentalidade moderna,—nada se perdia, houvesse isolação, combinação, transformação, a coisa mudava apenas de aspecto, mas permanecia, não se acabava.

Tudo mudou completamente, vem a proposito nova hypothese mais de accordo com os factos.

E' a nova concepção da materia, devida ás ultimas descobertas de Le Bon, Crookes, Raraday Kelvin.

Pela acção da radio-actividade tudo foi mudado. O atomo tanto se desarticula, que afinal se esvae de todo, desaparece. E' esta a ultima concepção da materia e de que acaba de fazer divulgação no nosso meio pelo

«Jornal do Ceará» um moço de intelligencia, que em vez de consumir suas horas nas avenidas, gasta-as nas investigações de seu laboratorio, nos seus estudos de gabinete, o Sr. Rodrigues de Andrade.

Preciso terminando desfolhar uma saudade sobre a campa do maior sabio da physica, William Thomson (ha 15 annos Lord Kelvin) que se finou em Londres a 15 de dezembro ultimo, aos 83 annos. E' enorme sua bagagem scientifica. Era sua especialidade a electricidade, e os phenomenos physicos não tinham para elle o menor segredo.

Era legitimo orgulho da Inglaterra e um dos creadores da nova concepção, que suplantara ou vae suplantando a da inercia que, aliás, fizera sua viagem de circumnavegação, avassalara todos os grandes espiritos do ultimo seculo.

O Banco Commercial Agricola

7

La Fontaine, o fino decifrador dos hieroglyphos do coração, o mestre delicado da physiologia dos sentimentos mais profundos, metteu dentro do seu substancioso fabulario a sociedade toda inteira e mais... e mais toda a natureza!

Tudo alli se agita, fermenta, como em um microcosmo—homens e animaes!

E' manual que deve andar nas mãos de todo mundo e serviu de inspiração á Associação Commercial do Ceará no projecto do «Banco Commercial Agricola». Fez as vezes de thema o apologo d'«O velho e seus filhos» (4, 15) mandando quebrar um feixe de dardos, não conseguindo nenhum dos tres quebral-o e elle desfazendo o feixe, quebra-os todos um por um, provando assim que a união faz a força, que elles, isolados, eram nada, unidos, concordes, força invencivel!

A Associação Commercial representa a alma alevantada do commercio—é a nova e attrahente abbadia de Theleme—onde borborinham as opulencias de espiritos intelligentes e honestos, serios e solidos, sem ardimentos, mas armados de toda a segurança, sem lances arriscados, mas presos a todos os principios de honra.

Os homens da Associação são alicerçadores fortes do forte amanhã cearense—têem uma febre—a deliciosa febre dos santos intuitos, das sagradas aspirações de trazer um fragmento a bella obra do engrandecimento da Terra da Luz.

Ha na Escola de Bellas-Artes de Paris um baixo-relevo de Paul Pance representando o genio do commercio, de caduceu na mão. A attitude desta figura, opina um mestre de critica, desperta a idéa de prosperidade, de doce abastança, de agradável situação de fortuna.

Isto, que aguça o espirito de uma palavra amarga, envolve entretanto verdade núa e formosa, como a deusa da belleza do mytho hellenico, emergindo graciosa e fascinadora das espumas do mar da Ionia.

Dé facto. O espirito do lucro preside— é o apanagio —a todos os estadios e especulações do movimento commercial.

E o que de extranhavel no facto? Não é licito? Não é permittido? Não está na lei?

De mais, o espirito do lucro não desdobra os seus compridos tentaculos só dentro do invectivado circulo. Não, transcende as fronteiras e vae mover-se lá fóra por todo o dilatado espaço da actividade humana.

O mundo economico está murado por tres grandes factores da producção da riqueza—a natureza, o trabalho e o capital.

A Terra da Luz não é territorio dos privilegiados, pelo contrario a natureza é para ella muito escassa de suas graças. E ella só tem uma regalia—é o seu apanagio—um «caustico de brazas» a talar-lhe as entranhas—a secca, a secca, sempre a secca!

E a Associação tendo em conta tão grande mingua de forças, a falta do primeiro agente da producção, tratou de dar maior impulso, todo o desenvolvimento possivel aos outros dois instrumentos, que solidarios operam milagres. E encimados pelo credito conseguem prodigios.

Este com a sua varinha de condão é feiticeiro e obtem, com a multiplicação dos capitaes, cousas singulares no mundo economico. E com os agentes da producção

vae augmentar a grandeza e a prosperidade da Terra da Luz.

E o projectado Banco está a funcionar naquella construcção magestosa a formosear a rua Formosa e vae se fazer, quando ultimado, o primeiro palacete da Fortaleza. E' justo que assim seja, porque só num edificio desses deve fazer as suas sessões uma instituição da importancia capital da Associação Commercial; para a altivez de quadro de tanto relevo só uma moldura daquella fulgencia.

O «Banco Commercial Agricola», fructo de fundas meditações de seu projectista, vae se constituir, eu auguro, precioso pedaço do soberbo patrimonio da Terra da Luz.

Quesnay e os demais philosophos physiocratas do seculo dezoito são incontestavelmente os verdadeiros predefinidores da sciencia do «valor», da producção, circulação, distribuição e consumo das riquezas.

Pela fixidade, regularidade, generalidade de certos phenomenos e no dizer do sabio fundador da philosophia peripathetica—«só ha sciencia, onde ha generalidade»—observam que se achavam dentro dos marcos, que emparedam o campo de uma sciencia nova, cujo fim, na opinião de Droz, é tornar a «abastança tão geral quanto possível».

A physiocracia franceza teve assim uma esplendida systematisação de vistas, mas errou, errou muita vez, errou opinando que a terra era a unica productora das riquezas e que o commercio era uma industria nulla, estéril, parasitaria, improductiva.

O commercio improductivo! Faz vontade de retorquir que o commercio é a industria por excellencia productiva.

A proposito lembro uma conversação de poucos dias. E' um caso interessante que me foi contado sem intensão doutrinal, mas comprovativo da minha these.

João Lopes, o deputado que a Terra da Luz manda ao Congresso Nacional, ininterruptamente desde a Constituinte, e que foi um dia vice-rei deste vastissimo país, vasto, quasi tão vasto, como os dominios de Carlos V, visitou agora a terra de seu berço.

Esteve em minha casa e perguntando-lhe noticias de seus filhos, que d'aqui se tinham ido creanças, dois estão formados, disse, como você talvez saiba, e um no commercio e accrescentou este episodio engraçado e espirituoso que é o meu argumento, «outro dia estavamos lá em casa, em familia, a sós, disse um dos formados, somos uns moços sem dinheiro, mas não teremos apuros, porque quando tivermos qualquer difficuldade, é só recorrer ao erario do commerciante e estamos servidos, ao que este incontinente, com muito espirito respondeu—alto lá! Não, doutores são homens que sabem tudo, sabem, portanto, dos meios de se arranjar, deixem o commerciante cá no seu canto, na labuta da vida». Eis ahi a produtividade do commercio. Quem vive do seu trabalho e accumula sobras, produz. Augmenta os seus haveres. E' producção.

Ahi estão os millionarios da City, os nababos norte-americanos que nem sabem arithmetica, para contar tamanhos cabedaes a encherem lhes as arcas.

Quem diz commercio, diz troca e quem diz troca, diz sociedade, porque não se comprehende esta senão pela troca de serviços e mercadorias.

«Felizes os homens quando viviam sem laços, sem leis, sem linguagem, sem religião» — conceitos do sceptico naturalista Montaigne nos seus «*Essais*» preciosos.

E' uma referencia ao estado de natureza de que fallava mais tarde o «*Contracto Social*» de que sahiam os homens, como se fosse possivel comprehendel-os fóra da sociedade.

O commercio é a sociedade inteira. Vem de muito longe, madrugou, vem lá do amanhecer da civilisação.

Os Phenicios, povo eminentemente commerciante, derramaram-no por todos os angulos do universo.

Donde a mercadoria superabundava e não tinha preço transportaram-na para onde havia mingua e apreçavam-na bem. E' produção!

E as grandes feiras de Damasco e Bassourah foram pontos onde ia todo mundo trocar productos e serviços. Ali acudiam também philosophos e pensadores, que trocavam idéas e livros.

O commercio é um baluarte da tranquillidade, é uma fonte da paz mundial.

A Associação Commercial da Terra da Luz, sahida da nata do commercio da Fortaleza e cuja apologia já fiz no meu artigo sobre o «Banco Commercial Agricola», prestou relevantissimo serviço, creando a «Revista Commercial», que é o órgão dos interesses immediatos do commercio e da agricultura. Está entregue a um moço de talento, de substanciosa leitura e que vai obtendo os mais bonitos triumphos.

Resenha observações seculares, estuda os temerosos problemas das crises cearenses e alvitra quanto lhe lembra o seu apurado patriotismo.

A «Revista Commercial» está sempre de atalaia aconselhando os melhores processos do nosso progredir.

E' de patriotismo ler-se e meditar-se no que ali se escreve cheio dos mais levantados alcances.

Ahi vai a chave de sahida deste artigo. Leia-se a «Revista Commercial» com caridoso amor porque é d'aquellas, que, segundo a phrase expressiva da scintillante M.^{me} de Sevigné «*se laissent très bien lire*».

A imagem do Commercio

9

Emoção dulcissima experimenta quem sobe o curso da historia, descortinando de continuo nas desenvoluções do commercio, paisagens encantadoras, espectaculos grandiosos, banhados de intensos fulgores, marginando as ribanceiras do caudaloso amasonas da evolução humana.

E' que o commercio—uma das mais largas esferas da actividade social—enlaça todas as etapas do progresso e desata em copiosa florescencia na crusada ascencional da humanidade. E' elle o lago em cujas aguas tranquillase reflectem todos os matizes da civilisação de que é amostra purissima.

A nevrose do trabalho, que é a sua *psyché* luminosa—é o bojo amplo onde se equilibram as condições existenciaes da sociedade «cujos fins consistem na intensidade de vida em todo o seu desenvolvimento no tempo e no espaço».

Posso perguntar—que ramo de actividade se dirige aos fins sociaes com mais aprumo? Qual contribue com material mais custoso que o commercio? Qual?

E' o commercio—diz escriptor humorista «a arte de comprar por 3 o que vale 6 e de revender por 6 o que custara 3».

Onde não encontrará o sociologista o objectivo do proveito? Onde a intenção do interesse não desbrocha—como a flor branca das aguas no quebrar da onda? Onde?

Por todo o nosso atimo do universo—o interesse impulsiona para a frente. E' o amestrado piloto que di-

rige a bem arvorada nau para os ancoradouros da remuneração.

Em copia correram-me estas idéas ao agradecer o honroso convite de deixar o meu nome na folha encerradora do anniversario da bellissima e fecunda instituição da mais fina porção de moços do commercio da Fortaleza.

A «Phenix Caixeiral» representa a alma alevantada do commercio da Fortaleza—é a nova e attrahente abadia de Theleme—onde borborinham as opulencias de espiritos intelligentes e honestos, serios e solidos, sem ardisamentos, mas armados de todas as seguranças, sem lances arriscados, mas presos a todos os principios de honra.

O sexto anniversario da «Phenix» é portador de um cesto de alviças scintillantes, de alegrias ruidosas—porque traduz o laurel do mourejar sem esmorecimentos, da pertinacia sem desconfortos.

Os rapazes da «Phenix», bellos alicerçadores do bello amanhã cearense—têm uma febre—a deliciosa febre dos santos intuitos, das sagradas aspirações—de trazer um fragmento a grande obra do engrandecimento da pequena patria cearense.

A Elles—o meu cartão de festa.

Viagens e Costumes,

10

de Arthur Guimarães.

Tenho sobre a banca este interessante livro que do Rio me foi enviado.

Conhecia do moço inteligente e trabalhador o seu livro de estréa—CAMBIANTES—que, quando publicado, li de um folego.

Agora imitando os typos de Jules Verne e em espirito, velozmente, em companhia do *touriste* alegre e fino, observador e perspicaz, faço agradável *promenade* arravez do velho mundo.

Começamos por Lisbôa—do Portugal de Ulysses e Pombal, da Batalha e dos Jeronymos.

Com os olhos vedores de A. Guimarães vi em um bocquiabrimento o Muzeu de Madrid, onde deslumbra as bellezas dos pinceis de Velasquez e Murillo. Assisti a uma tourada, a diversão predilecta dos hespanhóes.

Em Marselha fomos ao Castello da ilha de If, edificado por Francisco I, prisão de Estado, onde fez o seu apprendisado com o abbade Faria o Monte-Christo do Dumas, tão do nosso conhecimento.

Voámos por Monacco, sobre o bello rochedo, a terra dos Grimaldi e do jogo.

Estamos em Pisa, que desperta a lembrança do horror das agonias de Ugolino e Francesca di Rimini, na Torre da Fome. Tremulo de emoção trepamos a famosa Torre inclinada.

Passamos á velha Roma do *popolo santo*, como a chamava o Dante. Levou-nos o *cicerone* á Prisão Mamertina, de tragica memoria, onde foram trucidados por ordem de Cicero os conjurados de Catilina, o valoroso desoppressor. Vimos enlevados o velho Colyseu, amphitheatro de combate dos gladiadores e onde muita vez christãos e escravos foram atirados aos animaes ferozes Deliciou-nos a vista, sacudindo-nos um mundo de sentimentos, o Vaticano, a Capella Sixtina, onde admiramos os soberbos frescos dos artistas da Renascença, obras primas de pintura e escultura dos mestres, o *Juizo Final* de Miguel Angelo.

Fomos a Napoles, mostrou-nos o *cicerone* a Gruta de Pausilippo, Pompéa e o fumegar da cratera do Vesuvio, que outr'ora enguliu a Plinio, o antigo, e hoje ao nosso Silva Jardim.

Estivemos na terra dos Doges e das gondulas, onde o palacio ducal é maravilha de quadros e estatuas dos maiores mestres—Veneza, que encanta e faz sonhar!

Visitámos o Scala de Milão, onde reboam ainda as musicas doces, sonoras, divinas de Carlos Gomes.

Atravessámos o lago Lemano, todo ornado de sitios delectuosos. A Helvecia de G. Tell, simples e pacifica, pequenina e muito activa, tem attracções irresistiveis.

Entrámos na capital da civilisação em um deslumbramento, em um sonho. Subimos á torre Eiffel, percorremos o campo de Marte, tivemos ingresso no Louvre, um dos esplendores da antiga Lutecia.

Aprasivel, a *tournée* em palestra ligeira, insinuante e sadia.

Arthur, negociante de café, acondiciona-o tão bem, como homem de letras burila a phrase e nos dá livros bons como o «Viagens e Costumes».

Tem o poder da attenção, o habito da investigação,

a segurança da apreciação ; olha, sabe ver e dizer o que viu.

O satyrico padre José Agostinho de Macedo dizia haver tres modos de viajar: como homem, como burro e como bahú.

O nosso Arthur Guimarães o faz como homem.

DR. PEDRO DE QUEIROZ.

